

CASUÍSTICA, ESCUTA E REMEMORAÇÃO: TRÊS PRÁTICAS PSICANALÍTICAS POTENCIALMENTE ANTICOLONIAIS^{1 2}

David PAVÓN-CUELLAR³

Tradução de Daniel MONDONI⁴ e Elisa Mara do NASCIMENTO⁵

Resumo

O artigo examina três práticas psicanalíticas – a casuística, a escuta e a rememoração – que podem ter efeitos anticoloniais e desafiar o universalismo europeu. Enquanto a casuística permite considerar uma particularidade cultural irreduzível às pretensões universalistas do Ocidente, a escuta atribui um lugar de sujeito para aqueles que eram vistos tradicionalmente como objetos do saber europeu e a rememoração pode abrir um espaço para o presente do passado pré-colonial, subvertendo assim a temporalidade colonial com o seu presentismo a-histórico. A conclusão traça uma distinção entre a prática psicanalítica com seu potencial anticolonial e a metapsicologia freudiana que corresponde irremediavelmente a concepções europeias da subjetividade, propondo-se a estudar outras concepções, como as indígenas da América.

Palavras-chave: Psicanálise; anticolonialismo; universalismo; metapsicologia; sujeito.

CASUISTRY, LISTENING AND REMEMBERING: THREE POTENTIALLY ANTI- COLONIAL PSYCHOANALYTIC PRACTICES

1

Abstract

The article examines three psychoanalytic practices, casuistry, listening and remembering, that can have anti-colonial effects and challenge the universalism of Europe. While casuistry allows us to consider a cultural particularity that is irreducible to the universalist pretensions of the West, listening gives a place of subjects to those who have traditionally been seen as objects of European knowledge, and memory can open a space for the present of the precolonial past, thus subverting colonial temporality with its ahistorical presentism. The conclusion draws a distinction between psychoanalytic prac-

¹ Trabalho apresentado na terça-feira, dia 14 de novembro de 2023, na mesa redonda sobre Intervenções e Metodologias Decoloniais no Segundo Colóquio Decolonização e Psicanálise do coletivo Ubuntu, na Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

² Tradução feita do inglês. Sempre que disponíveis, deixamos indicadas as traduções brasileiras das obras citadas pelo autor em notas de rodapé. Também consultamos os textos originais em francês e espanhol e propusemos traduções a partir das citações diretas nessas línguas, e não a partir da tradução do autor em inglês.

³ Universidade Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, Morelia, México. E-mail: davidpavoncuellar@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1610-6531>

⁴ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, Brasil. E-mail: danielmondoni@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7635-0224>

⁵ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, Brasil. E-mail: elisamn10@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4036-3546>

tice with its anti-colonial potential and Freudian metapsychology that inevitably corresponds to European conceptions of subjectivity, proposing to study other conceptions, such as those indigenous to America.

Keywords: *Psychoanalysis; anti-colonialism; universalism; metapsychology; subject.*

CASUÍSTICA, ESCUCHA Y RECUERDO: TRES PRÁCTICAS PSICOANALÍTICAS POTENCIALMENTE ANTICOLONIALES

Resumen

El artículo examina tres prácticas psicoanalíticas, la casuística, la escucha y el recuerdo, que pueden tener efectos anticoloniales y desafiar el universalismo europeo. Mientras que la casuística permite considerar una particularidad cultural irreductible a las pretensiones universalistas de Occidente, la escucha da un lugar de sujetos para aquellos que han sido tradicionalmente vistos como objetos del saber europeo, y el recuerdo puede abrir un espacio para el presente del pasado precolonial, subvirtiendo así la temporalidad colonial con su presentismo ahistórico. La conclusión traza una distinción entre la práctica psicoanalítica con su potencial anticolonial y la metapsicología freudiana que corresponde irremediamente a concepciones europeas de la subjetividad, proponiéndose estudiar otras concepciones, como las indígenas de América.

2

Palabras-clave: *Psicoanálisis; anticolonialismo; universalismo; metapsicología; sujeto.*

INTRODUÇÃO

A psicanálise faz parte da mesma cultura que subjogou colonialmente nosso mundo. A colonização preparou o terreno para que o legado freudiano fosse estabelecido fora da Europa. Se este legado faz sentido para os não-europeus, é porque eles foram previamente europeizados.

É graças ao colonialismo do passado que temos psicanálise hoje na América Latina. Nossa psicanálise é uma expressão da mesma cultura que nos colonizou, mas não de sua faceta colonizadora, de suas inclinações expansivas e invasivas, de suas atitudes arrogantes e seguras de si. Nada disso é o que aparece na descoberta freudiana.

O que é descoberto com Freud é antes a crise da cultura europeia moderna, a externalização de sua patologia, de seu núcleo irracional, de suas contradições que dilaceram o sujeito. Para lidar com isso, a psicanálise não procura superar a crise cultural, mas sim assumir a verdade ali revelada. Proceder desta maneira pode ter efeitos anticoloniais, como eu tentarei agora mostrar examinando três práticas psicoanalíticas:

casuística, escuta e rememoração. Começamos com a casuística e a maneira pela qual ela desafia as pretensões universalistas europeias.

Casuística⁶

O universalismo é uma das principais justificativas ideológicas da colonialidade. A cultura colonizadora eleva sua particularidade ao nível da universalidade e a usa como padrão para julgar outras culturas, inferiorizá-las e justificar sua colonização em várias esferas culturais. Nas ciências humanas, esta estratégia pode tomar a forma do método hipotético-dedutivo, no qual partimos de uma conceptualização europeia universalizada para formular uma hipótese que então procura validar sua universalidade em outras culturas particulares.

Por exemplo, aplicamos uma escala europeia de performance escolar em um país da América Latina, acreditando assim confirmar, por meios dedutivos, que nossa escala é universal. Entretanto, como que por acaso, estudantes latino-americanos apresentam uma performance inferior em relação aos estudantes europeus, o que justifica a imposição colonial de métodos educacionais europeus nas escolas latino-americanas. Este tipo de procedimento, tipicamente psicológico, é encontrado, portanto, em uma psicanálise psicologizada, como a desenvolvida nas colônias britânicas do sul da África entre as décadas de 1930 e 1940 pelos psicanalistas racistas Laubscher e Ritchie, este último na Rodésia, atual Zimbábue, e o primeiro na África do Sul.

Laubscher (1937) e Ritchie (1943) tinham o objetivo de verificar a universalidade da hipótese freudiana do papel da projeção na paranoia quando acreditaram ter dedutivamente detectado estruturas paranoicas e mecanismos projetivos nos africanos. Mais uma vez, como que por acaso, os africanos aparentavam ser propensos à projeção e, portanto, paranoicos, o que serviu para explicar por que eles se sentiam perseguidos pelos europeus. Esta experiência persecutória, perfeitamente justificável pela violência colonial, era desqualificada ao ser interpretada como um delírio projetivo dos próprios africanos, os quais, caracterizados pela sua suposta paranoia e pelos males que supostamente projetavam nos europeus, logicamente necessitariam ser dominados pelo poder colonial.

Não é preciso dizer que as interpretações psicológicas de Laubscher e Ritchie não passam de uma demonstração de preconceitos ideológicos racistas e coloniais. Talvez esses preconceitos sejam expressos em uma retórica freudiana, mas contradizem vários princípios fundamentais da psicanálise. Um deles é a análise caso a caso e o respeito por cada caso em seu duplo aspecto singular e particular.

⁶ Escolhemos traduzir o termo *casuistry* por “casuística”, que remete mais particularmente ao registro de casos clínicos. Não é irrelevante dizer que sua conotação em inglês diz respeito ao uso de argumentos racionais e frequentemente falsos para responder a questões legais ou morais. Essa conotação também está presente em português. [N. T.]

Se a casuística freudiana tem um potencial anticolonial, isso é porque ela nos previne de proceder como Laubscher e Ritchie quando estes ignoraram não somente a singularidade psíquica, mas a particularidade cultural. Em outras palavras, a consideração de Freud de cada caso deveria voltar nossa atenção para cada cultura e não somente para cada sujeito. A casuística deveria então nos prevenir não somente de passar por cima das diferenças entre sujeitos e de diagnosticar povos inteiros como paranoicos, mas também de generalizar a metapsicologia freudiana para compreender a subjetividade em outras culturas não-ocidentais.

Entre culturas, como também entre sujeitos pertencentes a uma mesma cultura, há o que Jacques Lacan (1964/1988) descreveu como uma “diferença absoluta” que deve ser “obtida” pela psicanálise (p. 260). A casuística freudiana pode ter efeitos anticoloniais ao nos fazer reconhecer que diferentes culturas, com seus respectivos sistemas simbólicos, nos subjetivam de maneiras absolutamente diferentes e incomparáveis, sem que haja aí uma medida comum para nos comparar e, assim, relativizar nossas diferenças. Diferenciamo-nos tanto entre culturas como entre sujeitos de forma tal que não podemos explicar nossas diferenças, uma vez que cada cultura e cada sujeito somente tem a sua perspectiva, sua língua completamente diferente de qualquer outra. Não há aí uma metalinguagem que nos permita nos situarmos fora de tudo para fazer uma comparação e relativização daquilo em que nos diferenciamos.

4

A diferença absoluta deveria nos dissuadir de aplicar as categorias da cultura europeia em culturas não-europeias. Esta aplicação, como Homi Bhabha (2004) já nos mostrou, exige negar a própria diferença já reconhecida, negação esta que se dá por um processo perverso tipicamente fetichista, o da *Verleugnung* de Freud, no qual se sustentam os “estereótipos” negativos dos sujeitos pertencentes a outras culturas (p. 106-107). Ao invés de aceitar que sujeitos de uma determinada cultura são completamente diferentes de nós, os vemos como relativamente desiguais, mais ou menos inteligentes que nós, com maior ou menor performance acadêmica, com mais ou menos saúde mental.

Ver os outros como menos são ou inteligentes que eu, como relativamente desiguais a mim, é tanto uma maneira de aceitar como de negar sua diferença absoluta de um modo tipicamente perverso. Esta perversão racista colonial reduz o outro sujeito à fantasia de ser igual a mim, mas menos do que eu, de ser apenas uma parte do que sou. O outro é concebido como tendo menos da mesma inteligência, uma fração da mesma performance acadêmica ou da mesma saúde mental, uma parte do que é julgado por mim.

Ver o outro como um pedaço de si mesmo torna os não-europeus praticamente iguais aos europeus, “quase iguais, mas nem tanto”, de acordo com a famosa frase de Homi Bhabha (1984, p. 126). O asiático, o africano ou o latino-americano surgem no horizonte da perversão colonial racista, em última análise, como um pedaço do Outro europeu, como seu objeto parcial, como seu *objet petit a*⁷, como acontece com os judeus nas visões

⁷ Em francês no original [N.T.]

antissemíticas elucidadas por François Regnault (2003). No antissemitismo, como em outras formas de racismo, o sujeito racializado está no lugar do objeto que falta e excede, que provoca desejo e angústia, fascinação e repugnância.

A aparição dos não-europeus como um objeto é o resultado final do que Frantz Fanon (1961/2022) descreveu como uma “mutilação do colonizado pelo regime colonial” (p. 148). O colonialismo nos mutila tão profundamente que nos destitui de nossa própria subjetividade, não por arrancar um pedaço de nós, mas ao nos transformar no pedaço, em um objeto do Outro europeu. Este Outro se torna o único lugar para nós enquanto sujeitos: o lugar da nossa falta, da nossa castração, do nosso desesperançoso desejo colonizado, que nos é alheio.

Escuta

O lugar do Outro europeu é imposto como sendo o único, como um espaço que engloba todos os espaços existentes, como um Outro do Outro. Se a casuística freudiana mostra a inexistência dessa metalinguagem, isso se deve ao fato de que ela sabe como escutar cada sujeito, e, ao escutar, escuta somente uma linguagem, sem que haja uma saída para significá-la de fora. É assim que a psicanálise, ao escutar, confirma seu potencial anticolonial em uma convergência significativa com a descolonialidade.

Podemos dizer, em lacanês, que a virada descolonial consiste precisamente em um reconhecimento que a civilização europeia não pode nos prover uma metalinguagem universal capaz de significar todas as outras línguas particulares das diferentes culturas do mundo. Aníbal Quijano (1992) está claramente rejeitando a afirmação europeia de oferecer um Outro do Outro quando se opõe à “pretensão de que uma visão de mundo específica de um grupo étnico particular seja imposta como racionalidade universal, mesmo se tal grupo étnico se chame Europa Ocidental” (p. 20). A mesma recusa de uma metalinguagem fundamenta o gesto com o qual Santiago Castro-Gómez (2005) condena a “hybris⁸ do ponto zero”, na qual acredita-se ter “um ponto de vista a partir do qual não é possível adotar nenhum ponto de vista” (p. 18-19). Esta crença em um Outro do Outro também é descartada por Ramón Grosfoguel (2007) quando ele exclui a “possibilidade de conhecimento para além do tempo e espaço”, conhecimento de um sujeito sem corpo ou território, sem “sexualidade, gênero, etnia, raça, classe, espiritualidade, língua ou localização epistêmica” (p. 63-64). O sujeito desterritorializado e desmaterializado, o sujeito esvaziado e universalizado, é o único que somos autorizados a ser, mas é uma máscara sem rosto, uma

⁸ Trata-se de um conceito grego do gênero da tragédia que significa arrogância, descomedimento, orgulho e ganância excessivos do herói, características que o acabam prejudicando na trama. Por extensão, designa toda espécie de desmedida, exagero ou excesso no comportamento de uma pessoa: orgulho, insolência, arrebatamento etc. Bastante empregado também na filosofia moral, esse termo se opõe à medida e ao equilíbrio (Japiassú & Marcondes, 2011) [N.T.]

abstração vazia, uma ficção ideológica, uma simulação colonial concebida pelos únicos sujeitos reais, os europeus, que têm o direito de exercer plenamente a sua condição de sujeitos neste mundo.

No nosso mundo colonial, o único sujeito com tal direito de ser é o europeu, quer seja um europeu ou um americano, um israelense, um canadense ou um membro das elites brancas do sul global. Fora da Europa e seus prolongamentos, como afirmou Quijano (1992), “culturas não-europeias não podem ser ou abrigar sujeitos”, mas “podem ser somente objetos de conhecimento e/ou práticas de dominação” (p. 16). Parece que alguém se condena a ser um objeto quando se apresenta como não-europeu, enquanto que sua europeização colonial tenta lhe oferecer uma condição de sujeito, ainda que alheio, alienante.

Ser um sujeito é, antes de tudo, ser um falante. Falar é essencial para exercer a própria subjetividade. Entretanto, como Gayatri Spivak (1988/2010) notou, o colonizado “não pode falar” (p. 67). Eles somente podem falar como um europeu, nos termos europeus, na terminologia moderna, científica, secular e democrática. Os não-europeus não podem falar nos seus próprios termos. Silenciá-los é uma maneira de impedi-los de existir enquanto sujeitos.

Outra maneira de impossibilitar a existência de sujeitos asiáticos, africanos ou latino-americanos é não escutar suas palavras. Mesmo quando falam, os não-europeus não são escutados por uma hidra⁹ europeia que escuta somente a si mesma, que somente monologa consigo mesma e suas bocas americanas, canadenses, israelenses ou australianas. Esta hidra escuta somente a si mesma mesmo quando fala sobre nós porque, como destacou Stuart Hall (1990/2006), a Europa “interminavelmente *nos* diz e rediz”, o que implica um “jogo do poder” (p. 30). Somos objetos silenciados e falados ao invés de sujeitos falantes e escutados.

Escutar é a segunda prática potencialmente anticolonial da psicanálise. Freud nos ensinou a escutar o que não pode ser escutado, o que não tem direito de falar ou ser ouvido, como é o caso dos não-europeus. Sabemos que este não-europeu geralmente permanece silenciado, enterrado e sufocado nos insondáveis recônditos da subjetividade africana, latino-americana ou asiática, não sendo distinguido nem mesmo pelos próprios temas nos quais habita, aos quais a percepção europeizada está geralmente insensível, surda para qualquer palavra que não seja a europeia. Como Luis Villoro (1950) observou há mais de setenta anos, a reflexividade do Oeste globalizado impede o não-europeu de “aparecer (...) nitidamente na consciência” e faz com que permaneça “obscuro e escondido nas

⁹ A Hidra de Lerna é um animal mitológico com várias cabeças de serpente que habitava o lago de Lerna, localizado ao leste do Peloponeso, próximo à atual cidade de Nafplio. Ela era extremamente venenosa e dizia-se que um homem poderia morrer somente por inalar seu hálito. Logo em seguida, ela os devorava. Segundo a lenda, se uma de suas cabeças fosse cortada, duas novas cresciam em seu lugar, tornando-a ainda mais perigosa e difícil de eliminar. Era somente possível matá-la ao cortar sua cabeça principal, aquela que, em tese, não seria capaz de se regenerar e se duplicar. O segundo trabalho de Hércules (ou Héracles, em termos gregos) consistia precisamente em matá-la, fato que pôde realizar com a ajuda de lolau, que queimava logo em seguida as feridas deixadas por Hércules. Pouco a pouco, as cabeças diminuíram, deixando por último a principal. [N.T.]

profundezas do Eu mestiço” (p. 273). Até mesmo os indígenas podem ter dificuldades de perceber o indígena dentro de si.

Para detectar o sujeito não-europeu é necessário, em primeiro lugar, reconhecê-lo como um sujeito, ou seja, como alguém que fala. Isso requer a adoção de um método como a psicanálise, um método baseado na escuta do sujeito, ao invés do paradigma epistemológico empirista-positivista do olhar objetificador, aquele que reina na psicologia e que reduz os sujeitos falantes a objetos mudos. Transformar o sujeito não-europeu em um objeto do conhecimento objetivo europeu é um dos processos que possibilitam torná-lo um objeto do poder colonial.

Nos séculos XVIII, XIX e XX, a Europa dominou colonialmente os mesmos povos que exibia em gravuras, vitrines, imagens exóticas e museus etnológicos. Esta exibição ocorreu significativamente ao mesmo tempo que aquela dos enfermos de corpo e alma nos anfiteatros de hospitais e nas universidades. Em ambos os casos, a ciência tentou em vão que tudo fosse visto, que o visível contivesse tudo, incluindo o que resiste ao sentido da visão (cf. Saint-Cyr, 2013).

Há algo que não pode ser visto pelo olho científico. Enquanto esse olhar escrutinava objetivamente os tumores, as contorções históricas e as imagens dos aborígenes, Freud rompeu com a objetividade e se aventurou no invisível. Ele escutou as palavras dos sujeitos silenciados pela ciência, ensinando-nos assim uma escuta que podemos considerar hoje como potencialmente anticolonial não somente por tratar os sujeitos como sujeitos, como sujeitos falantes, mas também por tratá-los como sujeitos silenciados, sufocados e reprimidos.

A psicanálise nos ensina como escutar o silêncio, e não somente a palavra; o reprimido, e não somente o autorizado; o que pode ser, e não somente o que é; o desejo do colonizado, e não somente a realidade imposta pelos colonizadores. O método freudiano é, portanto, distinto da abordagem positivista, a qual, como Ignacio Martín-Baró (1986) alertou de maneira crítica, “não reconhece nada mais do que já está dado”, ignorando “aquilo que a realidade existente nega, ou seja, aquilo que não existe, mas que seria historicamente possível se fossem dadas outras condições” (p. 289-290). Este possível e negado, na medida em que é desejado, pode ser descoberto através da escuta psicanalítica.

Escutar o que é negado no sujeito nos permite subverter o que o nega. Três formas ideológicas subjetivas com as quais a colonialidade opera podem assim ser subvertidas, nomeadamente, o eu, o um e a identidade. Abordemos rapidamente cada um deles.

A subjetividade imposta pela colonização é aquela sintetizada no *ego* cartesiano, o *ego cogito* a partir do qual Enrique Dussel (1992) revelou um *ego conquiro*, um *ego* que conquista, um *ego* conquistador, um *ego* empoderado pelo capitalismo e seus dispositivos ideológicos, incluindo a psicologia. Talvez esse *ego* moderno europeu seja convincente ao olhar psicológico, mas não à escuta psicanalítica. Basta escutar os sujeitos com a atenção que merecem para perceber que eles não são somente um, egos, mas outros, contraditórios

em relação a si mesmos. Suas contradições situam-se também entre sua condição colonial e o que se rebela contra isso. Esta revolta se dá também sempre contra um *ego* conquistador que não somente tenta dominar o mundo, mas também o corpo e o âmbito subjetivo.

O sujeito não é somente um, mas outro. Esta alteridade é o que tentamos escutar em psicanálise. Isso é o que o velho Freud (1939) enfatizou, segundo Edward Said (2002), quando atribuiu uma origem egípcia a Moisés, o fundador do judaísmo, mas também do cristianismo. Se o um cristão é o outro judeu, o um judeu é o outro egípcio, enquanto que o um egípcio, como Cheikh Anta Diop (1955) nos recorda, é o outro negro africano. A alteridade não-europeia sempre permeia o um europeu que tenta em vão expurgar o outro de si. O outro continua a ressoar e ser escutado pela psicanálise. A escuta psicanalítica nos permite escutar as várias formas de alteridade que Stuart Hall detecta na condição pós-colonial: ser outro no “híbrido”, estar em outro lugar no “diaspórico”, desenrolar-se como alteridade nas “inscrições duplas” (1996/2003, p. 115), experienciar-se como “outro” nos regimes europeus de representação (1990/2006, p. 24). Em todos estes casos, confirmamos o que Rodolfo Kutsch (1962) já nos contou quando lidou com o europeu absorvido pelo não-europeu na América Latina: “tudo o que se dá em estado puro é falso” e está “contaminado pelo seu oposto” (p. 19). O outro sempre contamina o um, o Eu, a identidade.

Ao lidar com a identidade, a psicanálise nos permite escutar a identificação de maneira sintomática, escutá-la no que é sintomática de identidade. Por exemplo, o que está inacabado, o que é inconsistente, o que está fissurado, o que não se encaixa. Esta escuta tem sido praticada por vários críticos freudianos da colonialidade. O primeiro deles foi René Mênil (1932), que denunciou como os afrodescendentes antilhanos, identificados com o colonizador francês, “negam sua raça, seu corpo, suas paixões fundamentais e particulares” (p. 7-9). Mais tarde, Ashis Nandy (1983) alertou sobre o caráter colonial da “identificação com o agressor” entre os colonizados (p. 7-68). Agora Thamy Ayouch (2018) promove uma desidentificação a partir da qual as identificações coloniais podem ser revertidas.

8

Memória

Ao nos guiar até a identificação, a psicanálise nos faz voltar à origem da identidade. Esta origem pode ser colonial e rememorá-la pode também ser subversivo para a colonialidade. Chegamos assim, com a memória, na terceira prática psicanalítica potencialmente anticolonial.

Para nos libertarmos da colonialidade, a primeira coisa que precisamos é nos atentarmos a isso, fato que, em contrapartida, exige que rememoremos nossa colonização. Isto foi bem compreendido por Ignacio Martín-Baró (1974), que, por conseguinte, nos relata que “necessitamos de memória (...) para perceber tudo o que bloqueou, oprimiu e arrasou o

nosso povo” (p. 135). Tudo o que nos colonizou precisa ser lembrado a fim de que não se perpetue.

Uma parte importante da colonialidade se deve à repetição do que não é possível lembrar. Por vezes basta recordar para parar de repeti-lo, uma vez que a repetição, como Freud (1914/2010) bem sabia, é uma maneira inconsciente de lembrar na qual “o que é atuado” é o que não pode ser lembrado conscientemente, o que está “esquecido e reprimido” (p. 199). Ao apagar da memória a imposição da cultura europeia, os sujeitos colonizados impõem repetidamente essa cultura a si mesmos. Eles se autorizam a serem incessantemente violados e saqueados ao se esquecerem da origem colonial da violência e do espólio.

A colonização continua ao se repetir na forma do neocolonialismo e da colonialidade. Para evitar essa repetição, a rememoração psicanalítica pode nos ajudar a nos conscientizar do que é inerente ao colonialismo e persiste inconscientemente por outros meios. Este é o caso, como bem explicado por Quijano (1992), da “repressão” colonial do passado que hoje toma a forma da “sedução” que o europeu exerce no mundo (p. 12). Se a Europa continua a nos seduzir, é porque ela ainda exerce poder colonial sobre nós, um poder que é eternalizado porque é inconsciente, porque é eterno como tudo o que é inconsciente.

Tornar consciente o inconsciente da colonização pode servir para dissipar seus efeitos e, dessa forma, libertar-nos disso. A melhor forma de superar um sentimento de inferioridade colonialmente induzido é, por exemplo, o caminho indicado por Fanon (1952/2020): aquele da rememoração da “*epidermização da inferioridade*” (p. 25, *itálico meu*), a “*inferiorização*” dos não-europeus correlativa à “*superiorização*” dos europeus (p. 107). Rememorar isso é também rememorar que os cidadãos do norte global não são superiores, mas sim que eles aparentam sê-lo ao nos tornar aparentemente inferiores no sul global.

Tudo o que estou dizendo é bastante óbvio, mas somente em termos abstratos e gerais, e não na experiência concreta de cada um de nós, na qual é difícil, por vezes praticamente impossível, aceitar, assimilar e rememorar por completo o que o colonialismo nos fez. A memória é de alguma forma impedida pela repressão¹⁰ e, portanto, pode somente ser encenada de uma maneira reprimida, inconsciente e sintomática através da repetição inerente à colonialidade. Esta colonialidade, com seu aspecto intrinsecamente repetitivo, é uma configuração complexa de sintomas nos quais a história colonial reprimida retorna.

A colonialidade é como uma grande formação cultural neurótica. Ela foi assim concebida por Édouard Glissant (1997), que distinguiu cuidadosamente na história de seu país, a Martinica, todas as fases da neurose segundo Freud: trauma, repressão, “sintomas” e

¹⁰ Optamos nesta tradução pelo uso do termo “repressão” ou “reprimido”, e não “recalque” ou “recalcado”, devido à escolha tradutória de Paulo César de Souza, reproduzida acima, e também devido ao contexto que remete diretamente à colonialidade, no qual entendemos haver uma ação externa impeditiva e coercitiva. Assim, mantém-se um equívoco entre o que é de ordem inconsciente e o que, dessa ordem, provém também de uma dimensão histórica. [N. T.]

“repulsa” em relação à memória (p. 229). A amnésia dos martinicanos, como a dos neuróticos de Freud, os faria adoecer com uma história passivamente vivenciada.

Sofreríamos de história colonial reprimida, padecendo de seu retorno sintomático repetitivo por não sermos capazes de rememorar-la. Se não somos capazes de rememorar a história, também seríamos muito menos capazes de produzi-la. Poderíamos somente padecer de sua repetição patológica, em sintomas como racismo, *pigmentocracia*, desigualdade, dependência, interferência externa e outros males crônicos das antigas colônias.

Um importante fator patogênico do sul global seria então o presentismo a-histórico. Seria o que Albert Memmi (1957/1977) descreveu como uma “amnésia cultural” na qual nossa história está “reprimida” e estamos “fora” (p. 131). Esta exterioridade em relação à história, esta condição amnésica com efeitos patológicos, é algo que somente pode ser curado pela rememoração, pela rememoração do trauma da colonização, mas também do que precedeu o trauma, o que os colonizadores destruíram, o que eles não destruíram por completo, o que ainda existe e que podemos nos lembrar.

Como uma prática anticolonial, a memória precisa nos levar em um caminho como o que já foi traçado por Oswald de Andrade (1928/2011) quando tentou resgatar no Brasil a origem indígena matriarcal, surrealista e comunista “contra a realidade social, vestida e opressora cadastrada por Freud” (p. 74). A psicanálise nos ensina o que precisamos despir para acessar uma nudez original ferida, traumáticamente mutilada, a qual, precisamente por causa de sua mutilação colonial irreversível, não pode ser lembrada tal como era e precisa ser retroativamente reconstituída. Esta reconstituição retroativa da essência pode ser útil em uma estratégia anticolonial, mas vai além do “uso estratégico do essencialismo” de Spivak (1985, p. 45). Não se trata somente de uma estratégia deliberada ou uma essência imaginada, mas sim uma *historicização* na qual a realidade traumática e pré-traumática de nossa origem é elaborada simbolicamente através de um enredo histórico.

10

PARA CONCLUIR

Rememoração, escuta e casuística nos colocam frente a nós mesmos, frente à nossa história e nossa origem, à nossa palavra e nosso silêncio, à nossa singularidade e nossa particularidade. O que foi devastado pelo colonialismo pode, dessa forma, ser recuperado, ao menos em parte, através da psicanálise. Embora o legado freudiano seja um legado colonial, ele é também potencialmente anticolonial porque pode atenuar ou até mesmo neutralizar alguns dos efeitos do colonialismo na subjetividade.

O potencial anticolonial da psicanálise reside mais em suas práticas, sua metodologia, do que em sua teoria metapsicológica. A metapsicologia freudiana corresponde à moderna configuração europeia do âmbito subjetivo e somente faz sentido para outras subjetividades

na medida em que elas tenham sido europeizadas pelo colonialismo. O que sempre resiste à europeização somente pode ser mal interpretado ou talvez até mesmo patologizado pelas categorias freudianas, como na psicanálise racista colonial de autores como Laubscher e Ritchie.

Ao invés de aplicar noções metapsicológicas freudianas em outras culturas para além da Europa, deveríamos talvez pesquisar o conhecimento destas culturas sobre o âmbito subjetivo. Isso é o que tentei fazer há alguns anos ao estudar as concepções mesoamericanas da subjetividade (Pavón-Cuellar, 2022; Pavón-Cuellar & Mentinis, 2020). Cheguei assim tanto a noções surpreendentemente próximas às de Freud quanto a ideias totalmente inassimiláveis à teoria freudiana.

REFERÊNCIAS

Andrade, O. de (2006). Manifiesto Antropófago. In J. Schwartz (Comp.), *Las vanguardias latinoamericanas* (pp. 171-180). Mexico City: Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1928)

Andrade, O. (2011). *A utopia antropofágica*. Globo. (Trabalho original publicado em 1928)

11

Ayouch, T. (2018). *Psychanalyse et hybridité: Genre, colonialité, subjectivations*. Leuven University Press.

Bhabha, H. (1984). Of mimicry and man: The ambivalence of colonial discourse. *October*, 28, 125-133.

Bhabha, H. K. (2004). *The location of culture*. Routledge.

Bhabha, H. (2018). *O local da Cultura* (Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis & Gláucia Renate Gonçalves, trad.). Ed. UFMG. (Trabalho original publicado em 2004)

Castro-Gómez, S. (2005). *La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)*. Pontificia Universidad Javeriana.

Diop, C. A. (2007). *Nations nègres et culture*. Présence Africaine. (Trabalho original publicado em 1955)

Dussel, E. (1992). *1492: El encubrimiento del Otro. Hacia el origen del mito de la Modernidad*. Nueva Utopía.

Pavón-Cuellar, D. (2024). Casuística, escuta e rememoração: três práticas psicanalíticas potencialmente anticoloniais (Daniel Mondoni e Elisa Mara do Nascimento, trad.). *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 4, e024p03.

Fanon, F. (1971). *Peau noire, masques blancs*. Seuil. (Trabalho original publicado em 1952)

Fanon, F. (2002). *Les damnés de la terre*. La Découverte. (Trabalho original publicado em 1961)

Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas* (Sebastião Nascimento, trad.). Ubu. (Trabalho original publicado em 1952)

Fanon, F. (2022). *Os condenados da terra* (Ligia Fonseca Ferreira & Regina Salgado Campos, trad.). Zahar (Trabalho original publicado em 1961)

Freud, S. (1998). Recordar, repetir y reelaborar. *Obras completas XII* (pp. 145-158). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (1997). Moisés y la religión monoteísta. *Obras completas XXIII*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1939)

Freud, S. (2010). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud, *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911 – 1913) – Obras completas*, (Vol. 10, Paulo César de Souza, trad.) Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)

Glissant É. (1997). *Le Discours antillais*. Folio.

Grosfoguel, R. (2007). Descolonizando los universalismos occidentales: el pluri-versalismo transmoderno decolonial desde Aimé Césaire hasta los zapatistas. In S. Castro-Gómez y R. Grosfoguel (Eds.), *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global* (pp. 63-77). Siglo del Hombre.

Hall, S. (1990). Cultural Identity and Diaspora. In J. Rutherford (Ed.), *Identity: Community, Culture, Difference* (pp. 222-237). Lawrence & Wishart.

Hall, S. (2008). ¿Cuándo fue lo postcolonial? Pensar el límite. In S. Mezzadra (comp.), *Estudios postcoloniales*. In S. Hall, *Ensayos fundamentales* (pp. 121-144). Madrid: Traficantes de Sueños. (Trabalho original publicado em 1996)

Hall, S. (2006). Identidade cultural e diáspora (Regina Afonso, trad.). *Comunicação & Cultura*, (1), 21-35. <https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2006.10360>. (Trabalho original publicado em 1990)

Hall, S. (2003). Quando foi o pós-colonial? Pensando no Limite. In L. Sovik (Org.), *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* (pp. 101-130, Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger & Sayonara Amaral, trad.). Ed. UFMG (Trabalho original publicado em 1996)

Japiassú, H., & Marcondes, D. (2011). *Dicionário Básico de Filosofia* (5ª ed.). Jorge Zahar.

Kusch, R. (1962). América profunda. In R. Kusch, *Obras Completas Tomo II* (pp. 1-254). Fundación Ross.

Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (M. D. Magno, trad.) Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)

Lacan, J. (1990). *Le Séminaire. Livre XI. Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Seuil (poche). (Trabalho original publicado em 1964)

13

Laubscher, B. J. F. (1937). *Sex, Custom and Psychopathology: A Study of South African Pagan Natives*. Routledge.

Martín-Baró, I. (1998). Concientización y currículos universitarios. In *Psicología de la liberación* (pp. 131-160). Trotta. (Trabalho original publicado em 1974)

Martín-Baró, I. (1998). Hacia una psicología de la liberación. In *Psicología de la liberación* (pp. 283–302). Trotta. (Trabalho original publicado em 1986)

Memmi, A. (1973). *Portrait du colonisé, précédé du colonisateur*. Payot. (Trabalho original publicado em 1957)

Memmi, A. (1977) *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. (2a ed., Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho, trad.). Paz e Terra (Trabalho original publicado em 1957)

Ménil, R. (1932). Généralités sur 'l'écrivain' de couleur antillais. *Légitime Défense* 1, 7–9.

Nandy, A. (1983). *The Intimate Enemy. Loss and Recovery of Self Under Colonialis* Edward Saidm. Oxford University Press.

Pavón-Cuéllar, D. (2021). *Más allá de la psicología indígena. Concepciones mesoamericanas de la subjetividad*. Porrúa.

Pavón-Cuellar, D. (2022). *Além da psicologia indígena: concepções mesoamericanas da subjetividade* (Anna Lúcia Marques Turriani Siqueira, trad.). Perspectiva.

Pavón-Cuéllar, D. y Mentinis, M. (2020). *Zapatismo y subjetividad: más allá de la psicología*. Cátedra Libre and Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo.

Quijano, A. (1992). Colonialidad y Modernidad/Racionalidad. *Perú Indígena*, 13(29), 11–20.

Regnault, F. (2003). *Notre objet a*. Verdier.

Ritchie, J. F. (1943). The African as Suckling and as Adult: A Psychological Study. *Rhodes-Livingstone Papers*, 9, 1–61.

Said, E. (2014). *Freud and the non-European*. Verso. (Trabalho original publicado em 2002)

Saint-Cyr, V. M. (2013). Rembrandt contra el cientificismo hipermoderno. *Teoría y Crítica de la Psicología*, 3, 102–115. <https://www.teocripsi.com/ojs/index.php/TCP/article/view/106>

Spivak, G. C. (2008). Estudios de la subalternidad. In S. Mezzadra (Comp.), *Estudios postcoloniales. Ensayos fundamentales* (pp. 33-68). Traficantes de Sueños. (Trabalho original publicado em 1985)

Spivak, G. C. (1994). Can the subaltern speak? In P. Williams & L. Chrisman (Eds.), *Colonial Discourse and Postcolonial Theory* (pp. 66-107). Columbia University Press. (Trabalho original publicado em 1988)

Spivak, G. C. (2010). *Pode o subalterno falar?* (Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa & André Pereira Feitosa, trad.). Ed. UFMG (Trabalho original publicado em 1988)

Villoro, L. (2005). *Los grandes momentos del indigenismo en México*. Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1950)

Pavón-Cuellar, D. (2024). Casuística, escuta e rememoração: três práticas psicanalíticas potencialmente anticoloniais (Daniel Mondoni e Elisa Mara do Nascimento, trad.). *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 4, e024p03.

Recebido em: 23/06/2024

Reapresentado em: 29/07/2024

Aprovado em: 29/07/2024

SOBRE O AUTOR

David Pavón-Cuéllar é Professor nas faculdades de Psicologia e Filosofia da Universidade Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, na cidade de Morelia, no México. É marxista e participa de coletivos de esquerda radical em seu país. Seu trabalho acadêmico situa-se na intersecção entre a psicanálise lacaniana, a teoria marxista e a psicologia crítica.

SOBRE OS TRADUTORES

Daniel Mondoni é doutorando em Linguística no IEL/UNICAMP sob a orientação do Prof. Dr. Lauro José Siqueira Baldini.

Elisa Mara do Nascimento é doutoranda em Linguística no IEL/UNICAMP sob a orientação do Prof. Dr. Lauro José Siqueira Baldini.